

ola@grandesite.com.br

A JOALHERIA AFRO-BRASILEIRA DOS SÉCULOS XVIII E XIX: DESIGN E RESISTÊNCIA

Afro-Brazilian jewelry in the 18th and 19th centuries: design and resistance

Pestana, Mariana Lopes; Graduanda; Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
marianapestanaa@gmail.com¹

Rodrigues, Flávia Luciana dos Santos Souza; Doutora; Centro Universitário Belas Artes de
São Paulo
flavialss@gmail.com²

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de explorar as influências estéticas das joias afro-brasileiras dos séculos XVIII e XIX e a sua importância no contexto da diáspora africana e escravidão no Brasil-colônia. Busca mostrar a joalheria como algo que transcende a mera ornamentação e que representa a materialização de fenômenos sociais, podendo ser utilizada como ferramenta de estudo de diferentes contextos históricos e culturais.

Palavras-chave: joias; afro-brasileira; simbolismo.

Abstract: This article aims to explore the aesthetic influences of Afro-Brazilian jewelry from the 18th and 19th centuries and their importance in the context of the African diaspora and slavery in colonial Brazil. It seeks to demonstrate that jewelry goes beyond mere ornamentation and represents the materialization of social phenomena, serving as a tool for studying different historical and cultural contexts.


Keywords: jewelry; Afro-Brazilian; symbolism

Introdução

As joias afro-brasileiras confeccionadas e utilizadas durante os séculos XVIII e XIX – conhecidas como joias de crioulas – são objeto do presente artigo e parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Design de Moda, que tem como escopo explorar a formação material

¹Graduanda em Design de Moda pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

² Professora de graduação em Design de Moda no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Doutora em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC/SP. Mestra em Educação, Arte e História da Cultura. Graduada em Design de Moda pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Graduada em Direito pela UNIVAG. Atua como pesquisadora de moda e tecnologia, com foco na geração Sênior.



Além da beleza presente nesses artefatos, é importante destacar sua existência como um retrato da dinâmica social escravocrata brasileira. A partir de uma revisão bibliográfica, este artigo busca tecer uma breve análise sobre as características e definições das joias de crioulas, sua origem emblemática e seu surgimento dentro do contexto histórico do Brasil colonial, buscando identificar as influências étnicas, artísticas e culturais que moldaram a estética desses adornos, bem como destacar sua importância dentro da conjuntura da diáspora africana e movimentos de resistência do povo negro, apresentando a joalheria não somente em sua função de adorno, mas como a materialização das dinâmicas coletivas que cooperaram na formação da história do Brasil.

Para a elaboração deste trabalho foram utilizadas diversas fontes bibliográficas que nortearam as diretrizes iniciais da pesquisa. Ademais, o artigo toma como justificativa para sua elaboração a necessidade de se refletir sobre a influência dos fenômenos sociais no surgimento de diferentes tipos de artefatos, incluindo os de adorno, além do ímpeto de valorização joias de crioula como patrimônio cultural e material brasileiro, que nos fala sobre povo, arte, cultura e fé.

1. O Simbolismo das Joias

A compreensão do significado dos objetos abrange uma ampla gama de sistemas de dinâmicas coletivas. Segundo Jean Baudrillard (1968, p.73), qualificar um objeto como funcional não implica apenas na sua adaptação a um propósito específico, mas sim a uma ordem ou um sistema. A moda, enquanto um desses sistemas, incorpora um conjunto de símbolos que diferenciam e identificam grupos, uma vez que 'as roupas como artefatos, criam comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes' (SEFERIN; VAN DER LINDEN, 2014, p. 4, apud CRANE, 2006). Para Eliana Gola, a joia e a vestimenta carregam em si uma função tanto estética quanto simbólica:

A roupa como objeto que cobre o corpo também tem a sua função de adorno e identificação e a joia, como adição à roupa, da mesma forma traz a função de adorno, podendo ser somente estético ou ainda carregar uma carga simbólica. As joias, sejam exclusivamente como adorno, sejam ainda para outra função, assim como a vestimenta, são suportes para insígnias específicas dos ocupantes de um

A primeira característica da joia é ser adorno. Dessa forma, ela se torna portadora de significativo valor estético conforme a época em que foi confeccionada. A ela podem ser atribuídos valores mágicos, espirituais e até transcendentais de acordo com a interpretação cultural. Como objeto de adorno, a joia é símbolo que comunica. (GOLA, 2022, p. 13)

2. Os Metais no Continente Africano

O domínio da arte de manipular os metais para a transformação de artefatos já fazia parte da tradição dos povos africanos desde o primeiro milênio a.C. Produziam-se peças de bronze e praticavam o artesanato em vidro e em cerâmica (FACTUM, 2009, p. 68). A sólida tradição da metalurgia africana advém do conceito de que a manipulação do metal consistia em uma atividade mágica, o que conferia prestígio aos que dominavam esse conhecimento (FACTUM, 2009, p. 68, apud MEYER, 2001, p. 160). Como exemplo de domínio da metalurgia pode-se citar o povo ashanti³, que não somente negociava ouro em pó, mas também o utilizava para produzir joias e outros objetos que simbolizavam poder e prestígio. Outro grupo étnico que se destacou na produção de artefatos de liga metálica foram os iorubás, da Nigéria, por meio de uma associação político-religiosa denominada *Ogboni*, que funções sociais reguladoras na comunidade (FACTUM, 2009, p. 70).

A análise de adornos e joias africanas revela sua singularidade em comparação a outros tipos de joalherias. Segundo Silva (2011, p. 3), na África tradicional alguns artefatos não se destinam à exibição pública. Em determinados contextos, alguns adornos somente são vistos por membros restritos de certas associações político-religiosas. Nesse caso, o autor afirma que a funcionalidade adquire um status distinto no uso de joias pois, além de incluir a função comum de adorno, ela conserva também uma espécie de "aura mística" que se refere a múltiplos códigos. Portanto, é importante considerar a conjunção da beleza e do sagrado no estudo da joalheria africana, pois 'ao mesmo tempo as joias são para serem vistas e, seus símbolos, seus ícones estão ali, diante de todos, para serem culturalmente decodificados' (SILVA, 2011, p. 3).

³ Povo pertencente ao grupo étnico *akan* naturais da região de Gana, na África Ocidental.

Diversos autores apontam a existência de ourives negros ou africanos escravizados confecção das joias baianas durante os séculos XVIII e XIX. Para Factum (2009, p. 175), esses profissionais seriam, possivelmente, adeptos de cultos afro-brasileiros ou conheciam os signos e símbolos utilizados em manifestações religiosas africanas na época. Segundo Mariana Magtaz (2008, p. 89), os sinais de uma ourivesaria brasileira original começaram a surgir devido ao grande número de ajudantes escravizados e negros libertos nas oficinas. Os ourives confeccionavam itens como as famosas penças de balangandãs que reuniam objetos de prata com significados variados a depender de quem as portava.

Diante do crescimento da ourivesaria brasileira, Portugal inicia seus intentos no sentido de controlar a produção a partir da implementação de medidas fiscalizadoras, como o Alvará 1621, que proibia negros ou índios, mesmo libertos, de exercerem o cargo de ourives. Posteriormente, a Carta Régia de 1766 proibiu o exercício do ofício em toda a colônia. Essas regulamentações não impediram a realização, mesmo que clandestina, desse ofício por parte de escravos e alforriados (MAGTAZ, 2008, p. 92). Nesse sentido Raul Lody (2001, p. 20), afirma que 'a mão-de-obra de mestres e aprendizes negros e mulatos, donos de técnicas africanas aclimatadas às novas ferramentas e aos desenhos sugeridos pela Igreja, manteve permanente desejo de um fazer de base, memória e ação africanas'.

Para Factum (2009, p. 156) as joias de crioulas baianas, podem ser consideradas como primeiro exemplo do design de joias brasileiro, contendo em sua formação o hibridismo cultural, tanto na aparência, técnica e feitura, quanto na mistura de heranças culturais diversas que não se encaixam dentro de classificações tradicionais. Segundo Silva e Grecco (s.d., p. 5) essas joias eram usadas exclusivamente por mulheres negras na condição de escravizadas, alforriadas ou libertas e consistiam em braceletes, colares, pulseiras, anéis e outras peças diversas. As peças apresentavam características materiais peculiares uma vez que eram ocas em seu interior, abundantemente decoradas e usadas em grande quantidade por suas portadoras (TEIXEIRA, 2017, p. 834 apud CUNHA; MILZ, 2011, p. 46). Factum (2009, p. 158) afirma que as joias de crioulas possuíam características estilísticas de difícil classificação, já que tiveram influências do barroco, rococó e neoclássico, mas com arranjo e concepção formal de evidente contribuição africana.

mulheres negras, forras e livres. Tanto coral vermelho quanto azul são empregados em cultos afro-brasileiros por seu valor funcional e simbólico, sendo que a sua lapidação em rama pode ser citada como um exemplo da circularidade cultural, ou seja, quando a cultura popular absorve elementos da cultura letrada adequando ao seu conjunto de valores e condições de vida (Factum, 2009, p. 164-167).

3.1 Os Balangandãs da Bahia

A penca de balangandãs consiste em um adereço de valor místico e utilizado até a metade do século XX (FACTUM, 2009, p. 167). Em relação a sua composição formal, as penca podiam vir decoradas de pássaros ou flores, na parte em que são presos os balangandãs dá-se o nome de “nave” ou “galera”, a corrente chama-se “correntão” e os parafusos presos em suas extremidades são chamados “borboleta” (FARELLI, 1981, p. 18). Cada penca de balangandã era única, uma vez que poderiam ter inúmeras combinações que variavam de acordo com sua portadora, que poderia incorporar novos elementos e excluir outros (TEIXEIRA, 2017, p. 852). Para Farelli (1981, p. 17) sua origem é desconhecida, no entanto, há indicações de que foram trazidas pelos negros de origem malê⁴, que já dominavam a fundição de metal e que introduziram as técnicas na região de Salvador, na Bahia.

O uso das penca de balangandãs teve o seu apogeu marcado nos trajes de beca, frequentemente utilizados em eventos festivos e procissões. Algumas das mulheres que utilizavam o traje tinham os colos, punhos e pescoços transbordando de joias, e nas cinturas portavam correntões nos quais se observavam as penca de balangandãs. Atualmente ainda é possível observar a utilização desses trajes entre as mulheres da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira, na Bahia). O surgimento desses objetos pode estar ligado à necessidade de proteger o ganho ou até mesmo manter as mulheres preparadas para as funções comerciais. O autor também cita a influência da Igreja Católica no costume do uso de objetos de cunho votivo e propiciatório colecionados junto ao corpo, servindo de proteção para aqueles que os carregam (LODY, 2001, p. 48-50).

⁴ No contexto escravista, eram chamados “malês” os africanos que seguiam a religião islâmica.

Figura 2: mulher negra da Bahia usando joias de crioulas e penca de balangandãs na cintura



Fonte: Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles

5. Joia e resistência.

Além de ser uma forma de definição de identidades, a moda é uma das ferramentas decodificadoras das relações de poder existentes (TEIXEIRA, 2013, p. 16 apud BITTENCOURT, 2005, p. 25). Os sinais externos que demonstravam a posição social do indivíduo, desempenharam um papel significativo na sociedade colonial brasileira e, nesse contexto, as joias constituíam um elemento importante ao evidenciar as distintas classes sociais, possibilitando que fossem perceptíveis as estruturas de hierarquia presentes na época. Assim, muitas mulheres negras baianas subverteram códigos sociais ao ostentar suas joias, reconstruindo sua identidade por meio de novos elementos que possibilitaram a preservação de sua individualidade, trazendo à realidade novos signos de poder social (TEIXEIRA, 2013, p. 16).

A Bahia colonial podia ser classificada como "sociedade das aparências" (RISERIO, 2021, p. 23), pois era comum a ostentação e o exagero por parte da população. Além do gosto extremo da representação. Em meio a esse cenário, no qual o luxo era um dos principais códigos de status social, surgiram as joias de crioulas. É importante observar que a utilização de numerosos adereços e vestes luxuosas por parte das mulheres negras sempre se mostrou um incômodo à Coroa Portuguesa, que já no ano de 1636 determinou uma portaria-real com a proibição da ostentação da vestimenta e adornos pelas escravizadas (FACTUM, 2004, p. 35

obra escrava para evitar que, por meio do ofício de ourives, pudesse ganhar a liberdade (RISERIO 2021, p. 170, apud GODOY, s.d.). Assim, as joias passaram a ser produzidas na clandestinidade e a arte joalheira baseada nas tradições lusitanas se tornou menos comum. Essa condição fez com que a criatividade dos ourives brasileiros fosse favorecida. Novos elementos e peças foram surgindo, entre elas as joias de crioulas (RISÉRIO, 2021, p. 166-167 apud ROSA, s.d.). A resistência do povo negro escravizado manifestou-se durante séculos das mais diversas formas. Uma delas foi pela sua materialização na joalheria a partir de signos de identidade para mulheres que foram vítimas de guerra e tráfico (FACTUM apud REIS, 2009, p. 203). A partir da fabricação e uso desses adornos percebe-se a 'possibilidade de resistência, de forma consciente ou inconsciente, que escravizados, minorias, excluídos, desclassificados, etc. encontram as brechas para reagir à força opressora' (FACTUM, 2009, p. 204).

Considerações Finais

Este artigo buscou, por meio de revisão bibliográfica, produzir uma breve análise sobre a importância material e simbólica das joias de crioulas, o que possibilitou concluir que a construção da identidade individual e coletiva compreende diversos aspectos como crenças, valores, e tradições, sendo esse um processo complexo e multifacetado. No caso das joias de crioulas, esses objetos vão além de sua função ornamental, representando insígnias de uma herança cultural e histórica ligada a um momento obscuro da história brasileira: a escravidão. Essas joias são uma das várias ferramentas de análise das estruturas da sociedade colonial do Brasil, revelando aspectos ocultos sob a superfície da aparência e destacando a necessidade de reconstrução da identidade do povo negro escravizado. A criação de uma estética própria se tornou símbolo de subversão frente às rígidas regras de estratificação social. Portanto, essas joias consistem em objetos de estudo, tanto em sua concepção formal, quanto em sua significância como símbolo de resistência, refletindo a luta pela valorização da cultura negra no Brasil.

Referências

FACTUM, Ana Beatriz Simon. **Joalheria escrava baiana: a construção histórica do design de joias brasileiro**. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **Joia Escrava: design de resistência**. Revista Design em Foco, v. 1, n. 1, p. 31–39, 2004.

FARELLI, M. H. **Balangandãs e Figas da Bahia - O poder mágico dos amuletos**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1981.

GOLA, E. A **Joia: história e design**. São Paulo: Senac São Paulo, 2022.

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos Objetos: Coleções, Museus e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda., 2007.

LODY, R. **Joias de Axé: Fios de Conta e Outros Adornos do Corpo. A Joalheria Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MAGTAZ, M. **Joalheria Brasileira - Do descobrimento ao século XX**. São Paulo: IBGM, 2008.

RISÉRIO, A. **As Sinhás Pretas da Bahia: suas escravas, suas joias**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022.

SEFERIN, M. T.; VAN DER LINDEN, J. C. DE S. **VOCÊ É O QUE VOCÊ VESTE: relações simbólicas entre produtos de moda e identidades**. Blucher Design Proceedings, v. 1, n. 4, 2014.

SILVA, A. C.; DE FREITAS GRECCO, P. M. **JOALHERIA E RESISTÊNCIA ESCRAVA NA BAHIA COLONIAL – AS JOIAS DE CRIOLA**. Ourinhos: Departamento de Licenciatura em Artes Visuais. Faculdades Integradas de Ourinhos- FIO/FEMM, [s.d.].

SILVA, R. A. **Joias Africanas e Alguns Exemplos de Suas Memórias nas Américas**. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011.


TEIXEIRA, A. G. **Sob os signos do poder: a cultura objetificada das joias de crioulas afro-brasileiras**. Em **Tempo de Histórias**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, n. 22, p. 12–31, 2013.



18° COLÓQUIO
DE MODA

17  fórum das
escolas de moda

9° CONGRESSO DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA



ola@grandesite.com.br